

Moradores da região expressam o orgulho de ser LGBTQIA+

Moradores da região expressam o orgulho de ser LGBTQIA+

Com histórias diferentes, Júnior, Fernando e Luana planejam um futuro melhor; especialista aponta cenário negativo para a comunidade no País

RENAN SOARES renansoares@dabc.com.br THAINÁ LANA thainalana@dabc.com.br

"Orgulho é ser quem sou". "Orgulho é se aceitar". "Orgulho é ver as pessoas que amo me reconhecendo". Estas frases poderiam ter sido ditas pelos frequentadores do bar Stonewall Inn, em Nova York, há 54 anos, quando enfrentavam a opressão contra a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, entre outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero). Porém, mesmo com cinco décadas de distância, as palavras simbolizam as mesmas esperanças para membros da comunidade do Grande ABC sobre o futuro neste Dia Internacional do Orgulho, celebrado hoje, e que teve origem a partir do episódio dos Estados Unidos.

Júnior Lima, 26 anos, é uma dessas pessoas. Homem trans, morador de Diadema, ele relata as primeiras dificuldades que precisou enfrentar na vida com amigos e familiares. "Ouvir não, dói. Mas com o sim dentro de casa, a negativa da rua não é relevante", observa.

Júnior é um dos fundadores do Spartanos (@spartanos\_jr), primeiro time de futebol do Grande ABC formado integralmente por pessoas trans, que ele deseja tornar referência. Ao falar sobre orgulho, não pensa duas vezes: "Orgulho é ver as pessoas que amo reconhecendo com muito afeto tudo que tento fazer pelos meus e minhas", afirma Júnior, que também é Mister Trans Grande ABC 22/23.

Com um ideal parecido, mas em uma realidade um pouco diferente, Fernando Pacheco Custódio, 33, vive em São Bernardo. Há 11 anos, ele se transforma na drag queen Nayara Negretty, se apresenta em festas e participa de concursos. "A drag queen é uma personagem. Sou um menino gay que me transformo na Nayara para trabalho, mas quando chego em casa volto a ser o Fernando", relata.

"O preconceito acaba sendo 'normal' para mim, pois além de gay, sou negro. O preconceito



SONHO. Júnior quer expandir time de futebol



ARTE. Fernando dá vida à drag queen Nayara



UNIÃO. Luana planeja formar uma família

to não é nem tanto quando estou como drag, mas por ser gay. Nunca cheguei a ser agredido, mas já vi amigas minhas apanhando, inclusive já perdi uma", desabafa.

Mesmo com o reconhecimento como performer, o são-bernardense revela que pretende abrir um salão de cabeleireiro. Para ele, orgulho é "se aceitar e se expor, e jamais ter vergonha de ser quem você é".

PRECONCEITO

"Atualmente tenho dificuldade no mercado de trabalho, pois percebo que por ser uma mulher lésbica, às vezes, não

me tratam com respeito e até mesmo nem como uma mulher". Um pouco mais nova que as demais, a dona da fala, Luana Domingos Honorato, de 22, mora em São Caetano e relata as dificuldades que enfrenta na carreira por conta da sua orientação sexual.

Reflexiva, ela relembra também outros obstáculos que precisou superar ao longo da sua vida. "Já não performava feminilidade, então, quando cortei meu cabelo curto na adolescência, enfrentei preconceito na escola e principalmente na minha própria minha família, já que meus pais são evangélicos", conta.

ALERTA

Apesar do planejamento de um lindo futuro pela frente, Samantha Dufner, advogada especialista em Direitos Humanos e autora do livro *Famílias Multifacetadas*, destaca que o

Brasil é um dos países mais LGBTQIófobos do mundo. A especialista aponta para um cenário negativo que o País apresenta para a comunidade internacional.

"Os dados da Antra (Articulação Nacional de Travestis e Transsexuais), mostram que a expectativa de vida de pessoas trans no Brasil é de 35 anos, enquanto um brasileiro vai além dos 70 anos", pontua.

Como exemplo, Samantha cita um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia, que apontou 242 homicídios de pessoas LGBTQIA+ no País, em 2022.

Grande ABC finaliza o mês do orgulho com uma série de atividades

Nos próximos dias, a região vai finalizar o mês do orgulho LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, entre outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero) com uma série de atividades.

Em Santo André, o 8º Prêmio Divo e Divas Trans acontecerá amanhã, às 19h, no Cine Theatro de Variedades Carlos Gomes. Já na cidade de Diadema, no dia 9 de julho, a partir das 13h, a Praça da Moça irá receber a 13ª edição do Grito da Diversidade. A festividade terá barracas, apresentação de DJs, shows de drags e diversos artistas da comunidade.

Em Ribeirão Pires, o destaque fica por conta do 5º Festival da Diversidade, realizado no dia 1º de julho. O evento tem início às 14h, na Vila do Doce (Rua Boa Vista, s/n, Centro), e terá atrações como Danny Bond, Aretuza Lovi e Melody. No mesmo local, o Paço realiza hoje, às 11h30, a inauguração do Monumento à Diversidade. RS e TL

Região tem alta de 420% em denúncias de violência

DENÚNCIAS



No Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, entre outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero), números do Disque 100 mostram dados preocupantes para o Grande ABC. De janeiro a maio deste ano, a região registrou 26 denúncias de violência (física, psicológica, entre outras) contra a população LGBTQIA+, crescimento de 420% em um ano. Em maio de 2022 foram notificadas cinco ocorrências do tipo na região.

Os números, compilados pelo Diário por meio do painel de dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, mostram que a alta

não está restrita apenas à região. No Estado de São Paulo, para o mesmo período, houve aumento de 468% nos casos, passando de 136 no ano anterior para 773. No Brasil, apesar de menores, os índices são elevados. Foram 2.550 denúncias nos primeiros cinco meses deste ano, ante 565 em 2022, salto de 351% no período.

Para Samantha Dufner, advogada especialista em Direitos Humanos e autora do livro *Famílias Multifacetadas*, os dados são alarmantes e condizem com o nível de preconceito, estereótipo e discriminação que a população brasileira tem em relação à comunidade LGBTQIA+. A especialista, porém, afirma que as pessoas da comunidade es-

tão se sentindo mais confortáveis para denunciar devido à ampliação nas pesquisas, índices e estatísticas sobre a população, mas reforça que um avanço ainda maior requer mudanças estruturais.

"O que precisa mudar são dois pilares estruturais. O primeiro deles é educação e informação, com a temática de gênero e de educação sexual em todos os níveis escolares. O segundo pilar que precisamos avançar é que o Congresso Nacional precisa aprovar um projeto de lei de proteção à comunidade LGBT. Então, enquanto não tivermos, nós ainda estaremos num atraso gritante aqui no Brasil. Essas duas situações precisam mudar", diz a advogada. RS e TL

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 4